

# **AMBIVALÊNCIA: PRAZER E UTILIDADE – PREDIZENDO A HIPERTEXTUALIDADE**

*Lucia Helena Vendrusculo Possari\**

## **RESUMO**

*Este texto tem por objetivo refletir a posteriori sobre pesquisa e resultados obtidos, no meu doutorado. É uma espécie de buscar demonstrar que, num momento em que, timidamente se falava em Internet, Ciberespaço, hiperídia, hipertexto, eu vislumbrava com minha experiência junto aos processos de aquisição de escrita, a hipertextualidade inerente a todos os tipos de texto.*

## **PALAVRAS-CHAVE**

*texto, hiperídia, semiótica*

## **ABSTRACT**

*This text aims to reflect about research and results from my research. Intent shows that, when, at this moment, it was token about Internet, Cyberspace, Hypermedia, Hypertext, shining, I has experienced, during de written acquisition, with texts, that allowed to see the hypertextuality.*

## **KEYWORDS**

*text, hypertext, semiotic*

---

\* Doutora em Comunicação e Semiótica-PUC-SP. Professora do Mestrado em Educação da UNIC e professora do Mestrado em Estudos de Linguagens – MEEL-UFMT, professora do Curso de Comunicação Social-UFMT.

Depois de alguns anos proponho-me a fazer uma reflexão para re-conhecer mais processos que resultados da pesquisa por mim realizada e corporificada na tese de doutorado intitulada *Ambivalência: Prazer e Utilidade nos processos de aquisição da escrita*.

Como antecipa o título, o trabalho tece o complexo, propõe pensar as contradições (as contradições da contradição) e a harmonia. De acordo com Morin (1999, p. 233), o complexo é aquilo que não é, *a priori*, redutível a uma ordem (lei, estrutura, explicação). No meu trabalho a complexidade teceu o ordenado previsível com o desordenado não previsível.

A urdidura desse complexo foi a incerteza, para que fosse concebida a organização. Foi o caminho que trilhei para reunir, contextualizar, identificar, singular/universal, individual/coletivo. O complexo (*idem*, p.213) une e esclarece ética de reunião e de solidariedade. Tem prolongamentos que postulam a compreensão entre os humanos. A pesquisa, a busca estiveram todo o tempo para desafiar conhecimentos prévios sobre alfabetização e letramento, todavia, obrigando-me a regressar e a praticar inter-retroações. A irrupção da complexidade no meu objeto, na problemática identificada, trouxe, a princípio, resistência, mas, no caminho, o que poderia ser considerado incerteza e acaso, desabrochou-se em observações, experimentações múltiplas e em instâncias que permitiram construir o conhecimento, no qual o improvável teve sua chance.

Tecer unidos utilidade e prazer foi, sem perder de vista o paradigma da primeira, que se circunscreve na necessidade da escrita e da leitura para a vida – ainda que nisto haja uma dose excessiva de escolaridade. Ambas(1ª e 2ª) não são necessárias, nem suficientes por si sós. O que eu buscava era transpor a incapacidade de reconhecer, tratar e pensar a complexidade por parte do sistema educativo, das concepções e práticas alfabetizadoras.

Objetivei propor a crianças em fase de letramento/alfabetização a leitura e a produção de textos não-convencionais, não verbais apenas e, se verbais, analógicos.

Experiei – como digo em meu texto – e oportuneizei a meus sujeitos a mídias de massa, experimentações poéticas do século XX, canções. Tudo em nome do prazer. Pelo e para o pra-

zer inicie sem me preocupar com a atribuição de sentidos (semanticamente falando), mas, semioticamente falando, fazendo significar rumores, sons, aliterações. Depois, prazerosamente, produzi com eles leituras, visando à atribuição de sentidos, mas não necessariamente em textos lineares.

Lemos (2002) evoca Bataille (1967) para propor reflexão acerca do que é útil ao homem. Os julgamentos se dão sobre a produtividade social, que se baseia no princípio de que todos os esforços e atividades devem ser redutíveis às necessidades materiais de produção e de conservação. Os prazeres furtivos, como a arte ou os jogos, são, então, concessões, tendo um papel subsidiário na vida social. Existem duas formas de consumo: uma útil, direcionada para a vida e para as atividades de produção e a outra representada pelas atividades improdutivas, festivas, orgiásticas, excessivas. Estas últimas constituem, de acordo com o autor, o *glutinium mundi*.

No que tange à criança, ela não tem tido autonomia cultural, mas participa de práticas ou consome produtos culturais criados pelos adultos. A criança mantém autonomia apenas nas brincadeiras e no humor.

O prazer que permeia todo meu trabalho é, no dizer de Lebrun (199, p. 79) o do homem refletido, que experimenta o prazer que a atividade vital dá por si mesma.

A meu ver, cada vez que se experimenta ou se exerce uma atividade de prazer, seja ela auditiva, olfativa, gustativa, tátil, o prazer aumenta a produtividade.

No Texto da Ética a Nicômano encontra-se:

*Se os seres desejam o prazer, não poderíamos pensar que é porque todos aspiram a viver? Ora, a vida, é uma atividade e cada ser exerce sua atividade sobre objetos e com as faculdades que mais aprecia, assim, o músico com a audição sobre a melodia, o intelectual com o pensamento sobre os objetos de contemplação...o prazer aperfeiçoa as atividades, e portanto a vida que todos os seres desejam (...) então é normal que todos aspirem ao prazer, pois o prazer aperfeiçoa para cada um, a vida, que lhe é preciosa...*

A isso acrescenta Lebrun (1999, p. 80):

*...é preciso que o ser humano se interesse pelo simples fato de estar vivendo, um pouco como a criança que se interessa pelo brinquedo que acaba de ganhar e se diverte por brincar com ele – por prazer e não por ter em vista o prazer. Para que um prazer seja sentido como um bem, ele não deve ser visado como objeto desejável, como um fim que deve ser atingido, é preciso que o deixemos vir de graça.*

Concordando com Sócrates, em Filebo, em que afirma que ninguém aceitaria possuir sabedoria sem nenhum prazer, fosse ele o mais breve, busquei oportunizar atividades de prazer não como resultado, mas como uma atividade em si, abstração feita da operação da qual ele procede, mas prazer que forma, com as atividades (de utilidade) de que procedem, pares indissolúveis: prazer de ouvir, prazer de tocar, prazer de ver, prazer de pensar.

Minha inquietação era a de que nos processos de aquisição de escrita escolares (institucionais) – e sincronizadas com o espaço e expectativas domésticos, a obediências às regras e a padrões lógicos não dizem respeito necessariamente aos desejos da criança ou aos interesses gerais da sociedade.

A analogia foi um dos paradigmas de meu trabalho. A não seqüência. A não linearidade.

Além dos textos de mídia, impressos não lineares e músicas, optei por apresentar-lhes uma experimentação poética da segunda metade do século XX, a obra do poeta mato-grossense Silva Freire.

Em Possari (2002) afirmo que há quem divida os poetas entre aqueles que criam poemas e aqueles que se expressam em poemas. Para os primeiros, o poema é vivo, criado por linguagem. Para os outros, apenas um conjunto de rótulos e, ainda, opostos a idéias e sensações. Silva Freire é o primeiro. Sua poesia não se confunde com a versificação. Nas palavras dele mesmo: *“faço uma poesia que o leitor há de criar”*.

Por poética entendo a regeneração permanente que, não só dentro dos limites do poema, é vivificada pelo leitor. É o espaço-vida que transforma a experiência produção/leitura pela arti-

culação linguagem/sensação/impressão/mundo.

Para ler Silva Freire, o leitor precisa despir-se da familiaridade dos significados impressos e já previstos para atribuir sentidos à densidade poemática.

A escolha do autor, de seus poemas, se deveu à energia canalizada para inserir-se numa linguagem não-utilitária, não preestabelecida, em que recusando-se a ser simples, óbvia, desgastada, abre-se para um semantismo e um semioticismo sem limites. Para isso eu vislumbrava (e me deslumbrava também) na participação dos sujeitos-leitores como caligramadores, na medida em que recriavam os poemas.

A proposta de leitura e escritura (a partir) da obra de Silva Freire levou em conta que constitui-se de uma forma poética que não necessariamente obedece à lógica da linguagem discursiva tradicional, nem à espacialização poética, constitui-se em estruturação de linguagem dinâmica, espelhando a poesia concreta: produzida e produzindo relações-funções gráfico-fonéticas, informadas de significado e conferindo ao espaço que as separa/reúne um valor qualitativo, um forma relacional espaço-temporal que é o ritmo.

Em Possari (1999), afirmo que o poeta opta pela não-continuidade, não-sucessão linear, semântica ou lógico-discursiva. Seu rigor com os vocábulos se evidencia na topografia poemática: articulação sintática que faz dos blocos engrenagens de palavras. É o efeito da compreensão ótica/tensão semântica.

Os temas abordados são menos de louvor e mais de historicidade do espaço mato-grossense; des-velam valores, através de uma proposta de reconstrução dos significados de história, cultura, de ecologia e de filosofia, enfim, abrangem o homem fenomenologicamente.

São poemas nos quais as profissões, os espaços produtivos, o extrativismo, o artesanato, a criação de gado, o garimpo, o espaço físico, como o cerrado mato-grossense constituem-se em poemas.

Os efeitos de sentidos a cargo do leitor – como pretende o autor – desenham-se num conjunto de palavras não ligadas etimologicamente nem por associações psicológicas, individuais, arbitrárias e contingentes, todavia, um domínio delimitado de

significações, constituído tradicional ou cientificamente por experiências humanas: são pedras de um mosaico. São halos que perimetralizam os campos semânticos, cujas franjas exteriores se confundem com o ambiente mato-grossense.

De acordo com Mendonça Teles, a poesia se faz primeiro com idéias, Wladimir Dias-Pino diz que, com palavras. Mas, em Silva Freire a palavra não é o único significante, permite a analogia e a experiência estética, é promovida pela esparramação do poema.

Implica falar em jogo, função lúdica. A leitura se dá na ludicidade: abrir o texto e decidir pelo seu sistema de leitura, dar sentidos livremente; não há verdade subjetiva ou objetiva é aquilo que se lê naquele momento.

Ler significa atribuir sentidos. Ler é plasmar-se à polissemia total. No meu trabalho era criar a própria poesia.

Ler, no entanto, implica abordar interação e interatividade. A primeira, ouvindo-se Bakhtin (1986), se dá em diálogo entre interlocutores, para troca de saberes, de afeto mediada por textos orais verbais ou não-verbais em busca da construção de sentidos conjuntos. A segunda é a possibilidade de intervir em textos: modificá-los, reordená-los. Nesse caso, a leitura interativa se faz diferente da leitura interacional que se estabelecia nos processos comunicativos audiovisuais tradicionais. É o leitor que assume papel de co-autor do texto. O princípio deixa de ser socio-interacionista para ser construtivista.

A interatividade é propriedade imanente dos textos que permitem ao leitor interferência, a busca de caminhos de leitura que melhor lhe aprouver.

Era assim que eu oferecia os textos escolhidos para a leitura.

Ao se falar em interatividade reclama-se falar de rede. Os textos para a leitura e produção constituíam-se em grande intertexto: textos-garimpo, textos-cerrado, texto-redeira. As redes estavam lançadas.

**Por antecipação** – aos sistemas de redes telemáticas – eu propunha que os leitores lessem como quisessem, pelo estético, pela visão, pelo poético, que se enredassem com conhecimentos prévios para tal e, ao mesmo tempo, criassem novos fios para

possibilitações novas de sentidos.

Eu lhes provocava a não obedecer as relações hierárquicas, inflexíveis e centralizadas, como as que são estabelecidas fora do prazer. Eram instados a produzir sentidos manifestando sua própria escolha, pela dimensão imaterial de seus olhares. Infundia-lhes a maleabilidade.

**Por antecipação** eu lhes propunha uma cibercultura em relação à diversidade, com a autonomia. Mostrava-lhes a descontinuidade e quebras de narrativa tradicional. Era a linguagem videoclípe. Isto não era tão recente, referia-se a quebras de linearidades que já haviam sido propostas pelos cubistas, dadaístas, futuristas que já se davam a ver por técnicas de colagens.

Eu lhes previa as mídias descontínuas: o hipertexto. Essas linguagens anteriores abriram caminhos para o triunfo da bricolagem pretendida. Os processos de leitura e de produção eram analógicos.

Aí está meu trabalho que levou em conta a multiplicidade e variedade de sujeitos, logo, de histórias de leituras; a fragmentação das identidades e um vislumbrar do limiar da descontinuidade textual em que se colocam(avam) os sujeitos para o fluxo desconexo (aparentemente) e análogo dos textos.

Ler e escrever são atividades de prazer.

### **Referências bibliográficas**

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

LEBRUN, G. A neutralização do prazer. In: NOVAES, A. (Org.) **O desejo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LEMONS, A. Aspectos da cibercultura – vida social nas redes telemáticas. In: PRADO, A. (Org.). **Crítica das Práticas Mídicas**. São Paulo: Kacher, 2002.

MORIN, E.; LE MOIGNE, J. L. **A inteligência da complexidade**.

São Paulo: Fundação Petrópolis, 1999.

POSSARI, L.H.V. **Prefácio. Águas de Visitação.** Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

POSSARI, L.H.V. **Ambivalência: Prazer e Utilidade nos processos de aquisição da escrita.** São Paulo, 1996. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.